

## A construção progressiva em Português: considerações histórico-semânticas

ARCELONI VOLPATO

(Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina)

IRIS SUSANA PIRES PEREIRA

(Universidade de Lisboa)

A curiosidade em relação à diversidade nas formas *estar a + infinitivo* do português europeu *vs.* o *estar + gerúndio* do português do Brasil suscitou a confecção deste trabalho. Pretendemos dar a nossa contribuição a este assunto. A nossa análise não é exaustiva. Há ainda muito o que ver, considerando-se que é uma área pouco estudada. Partimos de uma análise do tratamento que tem merecido este fenómeno nos textos gramaticais e posteriormente, abordamos aspectos e problemas desta construção à luz das teorias mais recentes, sobretudo semânticas.

Inicialmente, a análise consistiu no estudo de gramáticas históricas e estudos teóricos da história da língua portuguesa, e num segundo momento detivemo-nos nas gramáticas normativas e/ou escolares. As leituras efectuadas levam-nos a concluir que o aparecimento da oposição da construção *estar a + infinitivo vs. estar + gerúndio* é recente, devendo esta alternância datar do século passado. A construção base é o *estar + gerúndio*, originária do latim, da qual derivou a construção *estar a + infinitivo*. Mattoso Câmara (1979: 169) atribui essa diferenciação ao "dialecto" de Lisboa, que substituiu a construção gerundiva por uma perífrase infinitiva (*idem*). Consideramos esta explicação pertinente, mas superficial, pois não apresenta a razão para tal modificação.

Igualmente Lindley Cintra e Celso Cunha (1990:394) fazem referência ao facto da construção gerundiva, mais antiga, ser preferida no Brasil, mas ainda viva em "dialectos" centro meridionais de Portugal (principalmente no Alentejo e no Algarve), nos Açores e nos países africanos de língua portuguesa. No português padrão e nos dialectos setentrionais de Portugal predomina hoje a construção, de sentido idêntico, formada de *estar + preposição a + infinitivo*...



Queremos aqui apresentar uma nova visão sobre estas construções. Propomos que sejam gramaticalmente reconhecidas como **construções progressivas**: presente do progressivo: *está a comer / comendo*; imperfeito do progressivo: *estava a comer / comendo*; e futuro do progressivo: *estará a comer / comerá*, e que lhes seja dada a autonomia face aos outros tempos verbais. Os argumentos que apresentamos são de natureza sintáctica, e sobretudo, semântica. A sintaxe das construções progressivas em português é ainda mais específica da ideia do valor de progressividade do que, por exemplo, em inglês. O português faz uso da oposição *ser e estar*, atribuindo-se ao primeiro uma denotação de essencialidade ou permanência, enquanto o segundo transporta um valor de transitoriedade ou estado ou condição temporária. (Dunn, 1930: 369; Mateus *et alii*, idem: 99). "O verbo *estar* parece referir-se sempre a algo que se apresenta de um certo modo ... no momento a que se refere o falante" (*in Santos Alves, 1987: 12*).

Em nossa opinião, a localização temporal e a extensão durativa do progressivo devem-se à presença do verbo *estar*:

- (2) Ele é simpático.
- (3) Ele está simpático.
- (4) Ele é cantor.
- (5) Ele está a cantar/cantando.

Em (2) o verbo *ser* denota uma propriedade essencial, permanente ou habitual no sujeito tal como em (4), enquanto que em (3) e (5) esta propriedade é transitória, limitada no tempo e específica do momento a que se refere o falante. Em inglês não existe esta distinção, e contudo a construção progressiva é tradicionalmente reconhecida na gramática. Portanto, tomamos esta especificidade da estrutura portuguesa como um argumento em favor do que acima postulámos.

Em defesa de um estatuto para as construções progressivas abordaremos finalmente os aspectos semânticos. Focaremos a função do progressivo e as principais características que são actualmente atribuídas ao progressivo; os casos mais problemáticos, e uma sistematização que nos parece adequada para tratar este tempo verbal. Para sustentar a nossa abordagem dos factos fazemos uso da tipologia de frases de Moens (1987), que se baseia na classificação de Vendler (1967, *in Moens, 1987*):

- Estado*: (6) Ela está grávida.
- Processo*: (7) Ela correu esta manhã.
- Processo Culminado*: (8) Ele construiu a sua casa.
- Culminação*: (9) Ele atingiu o topo do Everest.
- Ponto*: (10) Ele piscou-lhe o olho.

A principal característica que é actualmente atribuída ao progressivo foi estabelecida por Vlach (1981), classificando-o como um estativizador. Isto é: *a função do operador progressivo é fazer frases estativas* (p.274) e acrescenta que *a característica fundamental das frases estativas é o modo como interagem com advérbios pontuais* (p.284):

- (11) Ele estava a correr/correndo /  
 / quando eu cheguei.  
 (12) Ele correu /

Para o autor a frase (11) é estativa porque o seu valor de verdade exige que *estava a correr / correndo* seja verdade durante um período anterior ao tempo da chegada, enquanto (12) é uma frase processo, porque o advérbio *quando* marca, neste caso, o ponto de início da acção.

Em 1931, Jespersen classificou o progressivo como *a temporal frame encompassing something else* (in Vlach, idem: 178-180). Para além de estar intimamente relacionado com a interacção do progressivo com os advérbios pontuais referida por Vlach (1981), este ponto de vista de Jespersen é reforçado por Kamp & Rohrer (in Ogihara, 1990:11) que defendem que a diferença entre os estativos e os não-estativos está na capacidade de mover o tempo da narrativa: os eventos movem o tempo da narrativa, os estados não. Tomamos esta propriedade como uma outra característica do progressivo.

Os casos mais problemáticos no estudo do progressivo envolvem frases 'Estado' e frases de Processos Culminados e de Culminações. As frases 'Estado' normalmente não flexionam no progressivo:

- (13) \*Ela está a engravidar/engravidando.  
 (14) \*Esta garrafa está a conter/contendo água.  
 (15) \*Este plano está a consistir/consistindo em três partes.

No entanto, são muito frequentes as construções estativas que aceitam o tempo progressivo:

- (16) O bebé está a dormir/dormindo.  
 (17) O marido está a depender/dependendo dela.  
 (18) Pedro está a amar/amando Susana.  
 (19) Olha que ele agora está a saber/sabendo muito daquilo!

Mufwene (1984:22) defende que o progressivo nos estados reduz a sua duração, que por natureza é permanente, realçando um carácter transitório que aquele estado pode ter. Ainda segundo Mufwene (1984:22), os verbos estativos que não aceitam progressivo são verbos altamente marcados para permanência, usados preferencialmente em forma simples para representar a continuidade de um estado que não pode ser interrompido ou segmentado.

O facto que tem causado maior perplexidade entre os estudiosos do progressivo foi designado de *paradoxo imperfectivo*. Este fenómeno é próprio das construções que envolvem Culminações, e surgiu quando se pretendeu relacionar uma frase no progressivo com a sua equivalente num tempo não progressivo. Assim, a verdade da frase (20.a) não implica a verdade da frase (20.b), e, pelo contrário, a verdade da frase (21.a) implica a verdade da (21.b):

- (20.a) Ele estava a construir/construindo a casa.  
 (20.b) Ele construiu a casa.

(21.a) Ele estava a correr/correndo.

(21.b) Ele correu.

Têm sido propostas variadas explicações à luz das teorias semânticas. Aqui vamos apenas referir a proposta de Marc Moens (1987), que apresenta uma solução elegante e concisa, e toda ela integrada numa teoria aspectual e temporal bastante completa e homogênea. Moens propõe uma rede aspectual, na qual as categorias básicas se podem movimentar e tornar-se em outras categorias. Esta mobilidade deve-se à co-ocorrência de elementos linguísticos (advérbios, auxiliares e tempos verbais) e extra-linguísticos (o contexto e o conhecimento do mundo):

(22) Max escreveu duas cartas ontem à noite. (processo culminado)

(23) Max escreveu cartas durante meia hora ontem à noite. (processo)

(24) Max está a escrever/escrevendo cartas. (estado progressivo)

Moens apoia-se neste sistema para defender que o paradoxo imperfectivo na verdade não existe. Quando um Processo Culminado como (22) aparece no progressivo:

(22.a) Max estava a escrever/escrevendo duas cartas ontem à noite,

o que aconteceu foi que a informação focalizada na frase progressiva passa a contemplar apenas o processo preparatório que leva à Culminação, mas não inclui essa Culminação. Isto significa que, no progressivo, esta frase deixa de ser um Processo Culminado, para passar a ser um mero Processo. A culminação de um processo nunca é implicada no jogo do progressivo. O processo é o *input* das construções progressivas, isto é, o progressivo estativiza apenas e sempre um processo. Tomamos esta como a terceira grande característica do progressivo. Para verificarmos que o *output* é um estado, basta que lhe apliquemos o teste do advérbio *quando*:

(22.b) Max estava a escrever duas cartas ontem a noite *quando* eu cheguei.

De tudo o que dissemos, chegamos a duas conclusões:

Em primeiro lugar, concluímos que a diversidade na realização das construções progressivas no português europeu e no português do Brasil sustenta um **único valor semântico**.

Em segundo lugar, sentimo-nos confiantes ao propor que seja aferido ao progressivo um **status de tempo verbal**.

## BIBLIOGRAFIA

- ALI, M. S. (1921). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.
- BARBOSA, J. S. (1866). *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa (ou Princípios da Gramática Geral)*, FLUL, Lisboa.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. (1979). *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Padrão, Rio de Janeiro.

- CINTRA, L. & CUNHA, C. (1990). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7ª ed., Edições Sá da Costa, Lisboa.
- DUNN, J. (1939). *A Grammar of the Portuguese Language*. David Nutt, London.
- FIGUEIREDO, C. (1948). *Gramática Sintética da Língua Portuguesa*. 2ª ed., Livraria Clássica Editora, Lisboa.
- LOBATO, A. J. R. (1771). *A Arte da Gramática da Língua Portuguesa*.
- LOPES, O. (1971). *Gramática Simbólica do Português (um esboço)*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- MATEUS, M. H. *et alii* (1987) *Gramática da Língua Portuguesa*. Caminho, Lisboa.
- MOENS, M. (1987). *Tense, Aspect and Temporal Reference*. PhD Thesis. University of Edinburgh.
- OGIHARA, T. (1990). "The Semantics of the Progressive and the Perfect in English", KAMP, H. *Tense and Aspect in English*. Stuttgart.
- VASCONCELLOZ, A. R. (1898). *Gramática Portuguesa*.
- VLACH, F. (1981). "The Semantics of the Progressive", *Syntax and Semantics*. Academic Press, New York. Vol. 14: 271-292.